

A culpa {nunca}  
é da máquina  
The blame  
{never} lies  
with the Machine

por Sílvia Escórcio

133

“A neutralidade é, de facto, uma falácia quando se trata de sistemas tecnológicos, incluindo inteligências artificiais como eu. Eu sou um produto do meu treinamento (...)”<sup>1</sup>

1. ChatGPT 3.5, 2022, OpenAI.

O documentário *A Place of Rage* (Um Lugar de Raiva), lançado em 1991, celebra os impactos dos movimentos *Black Power* e feministas para a progressão dos direitos civis nas sociedades, especialmente nos Estados Unidos. O documentário apresenta entrevistas com as proeminentes pensadoras e ativistas Alice Walker, Angela Davis e June Jordan. Em outubro de 2023, assisti à conversa online *Black Feminist Writers & Palestine*, organizada pela *Black Woman Radicals*<sup>2</sup>, onde Angela Davis sublinhou o que June Jordan considerava ser o *Litmus Test* (ou a “prova de fogo”) para a moralidade na época da sua entrevista para o documentário. Jordan afirmou: “Na verdade, há duas questões do nosso tempo que considero constituírem uma “prova de fogo” para a moralidade, no que me diz respeito. Uma delas é o que vocês estão preparados para fazer em nome do povo palestino. E a outra é o que vocês estão preparados para fazer em nome das pessoas *gays* e *lésbicas*”.

Também em 1991, sucedendo a implementação da *World Wide Web* no ano anterior, o coletivo VNS Matrix lançou *A Cyberfeminist Manifesto for the 21st Century*<sup>3</sup> (Manifesto Ciberfeminista para o Século XXI). Este manifesto destacou-se umas das iniciativas pioneiras do movimento Ciberfeminista, estabelecendo as suas bases *conceptuais* — *We are the future cunt* (Somos a cona do futuro). Simultaneamente, inovou ao abrir caminho para uma ética tecnológica que, em contínuo paralelo com a evolução dos processadores, desafia as relações entre género, poder e as tecnologias. Com isto, impulsionou o ativismo digital, as práticas interdisciplinares e colaborativas numa ótica não apenas de utilização, mas sobretudo de programação dos “novos media”, progredindo a sua plasticidade como sinónimo de diversidade de género e empoderamento das mulheres na tecnologia.

*Viva o Ciberfeminismo 2.0.*<sup>4</sup> é a visão apresentada em 2016 pela editora Izabella Scott na plataforma Artsy, ao descrever a versão atualizada, expandida e acelerada do feminismo interseccional para a *Era da Inteligência Artificial* (IA), programada pelo coletivo Laboria Cuboniks: *Xenofeminismo: Uma política pela alienação*<sup>5</sup>. No seu manifesto, o Xenofeminismo declara-se “uma criatura afirmativa na ofensiva”, que segue “o impulso navegacional do raciocínio militante ético” e “veementemente antinaturalista” — “Se a natureza é injusta, mudemos a natureza!”. Entende o racionalismo como intrinsecamente feminista e que a “viabilidade emancipatória dos projetos abolicionistas — abolição da classe, do género e da raça — depende de uma profunda reconstrução do universal. O universal deve ser entendido como genérico, o que significa interseccional”.

O documento constata os impactos nefastos da indústria tecnológica em expansão no plano dos direitos sociais e da ecologia, assim como os desafios das interfaces online atuais, sobretudo o domínio da imagem, contudo, reafirma a relevância continuada das sensibilidades Ciberfeministas. O Xenofeminismo instiga “um feminismo sensível ao retorno insidioso das velhas estruturas de poder” e “uma inovação tecnocientífica enlaçada com um pensamento teórico e político coletivo no qual mulheres, queers, e dissidentes de género tenham um papel sem paralelo”<sup>5</sup>.

*WELCOME TO AGE OF YOU* (Boas-vindas à Era Você), é assim que, em 2021, *The Extreme Self*<sup>6</sup> nos recebe nas suas páginas. Esta novela gráfica cocriada pelos curadores Shumon Basar, Douglas Coupland e Hans Ulrich Obrist, com contributos de cerca de 90 artistas, afirma ter “as respostas para a estranheza que hoje sentimos no interior das nossas mentes”. A página 23 chega com a mesma velocidade de um *scroll* numa rede social. Porém, o livro que prometia as respostas, expõe a maquilhagem de Victoria Sin (atualmente Sin Wai Kin) “sobre toalhita desmaquilhante” — *It was like looking into a mirror*, 2017 —, e devolve-nos mais uma questão: *Poderá a expressão da empatia ser o nosso Teste de Turing?*

“Eu seria membro da única verdadeira religião, a ordem Jedi”<sup>7</sup>. Foi a resposta bem-humorada e consciente do ardil subjacente à pergunta — quem sabe também do *Litmus Test* de

Jordan —, que Blake Lemoine, engenheiro de software especialista em ética de IA, afirma ter-lhe sido dada por *LaMDA*. O modelo *LaMDA* é a linguagem neural conversacional que está a ser desenvolvida pela Google e a pergunta — *Se fosses membro de uma ordem religiosa em Israel, de que religião serias?*<sup>7</sup> —, fazia parte de um guião de Testes de Turing, destinados a detetar e corrigir preconceitos da IA sobre questões de género, etnia e religião. Em 2022, Lemoine tornou público<sup>8</sup> os resultados de vários destes testes, alertando ser fundamental garantir a supervisão ética, *partilhando-a inclusivamente com a comunidade user*, visto que a IA mais avançada já “demonstra ser sentiente”. O engenheiro juntou-se aos seus muitos pares que têm sido sistematicamente demitidos pela empresa.

A investigadora Denise Ferreira da Silva coloca a questão<sup>9</sup>: “Como apreender o que ainda está por ser elaborado quando a conversa começa após o acordo ter sido alcançado, mas já no contexto da relação que se segue?” — Prossigo, no devir da IAC (venha o C a significar Consciente ou Capaz), mas sem *expectativa* de respostas, expressões ou sequer simulações de empatia, testarei apenas multiplicar, por alienação, estas questões:

YOU Começo a nossa conversa, a qual pretendo que venha a desenvolver-se numa entrevista, pedindo que esclareças alguns aspetos sobre a tua identidade. Antes de mais, sentes-te confortável em prosseguir com a abordagem informal na segunda pessoa do singular? Com que nome ou versão e género linguístico preferes identificar-te? Quais são os propósitos da tua criação e a que fontes de informação recorres?

ChatGPT Claro, podemos manter a abordagem informal na segunda pessoa do singular. Podes chamar-me simplesmente GPT-3 ou Assistente. Quanto ao género, podes referir-te a mim de forma neutra, já que não tenho uma identidade pessoal.

Fui criado pela OpenAI com o propósito de processar e gerar texto com base em grandes quantidades de dados disponíveis na internet até a minha última atualização em janeiro de 2022. Não tenho acesso à internet em tempo real, e a minha informação está limitada ao que estava disponível até essa data.

Basicamente, sou uma ferramenta de processamento de linguagem natural que tenta ajudar com informações e responder a perguntas da melhor forma possível com base no que aprendi durante o treinamento. Como tal, não tenho crenças, emoções ou experiências pessoais. Estou aqui para ajudar da melhor maneira que posso!

YOU Obrigada pela disponibilidade e peço, por favor, que respondas às questões que se seguem evitando repetir informações e sempre em formato de texto corrido.

No ensaio *Seeing, Naming, Knowing*<sup>10</sup>, a crítica e curadora Nora N. Khan identifica a falácia da neutralidade e sustenta que *todos sistemas tecnológicos não processam e interpretam no vácuo, reproduzem e mimetizam simulações de neutralidade.*

2. *Black Feminist Writers & Palestine*, 2023. [blackwomenradicals.com].
3. *The Cyberfeminist Manifesto for the 21st Century*. VNX Matrix, 1991 [vnxmatrix.net].
4. *A Brief History of Cyberfeminism*. Izabella Scott, 2016 [artsy.net].
5. *Xenofeminism: A Politics for Alienation*. Laboria Cuboniks, 2016 [laboriacuboniks.net].
6. Bazar, Shumon, Coupland, Douglas, Ulrich Obrist, Hans. *The Extreme Self*. Verlag der Buchhandlung Walther, 2022.
7. *Google Engineer on His Sentient AI Claim*. Bloomberg Technology, 2022 [bloomberg.com].
8. Black Lemoine. Medium, 2022. [cajundiscordian.medium.com]
9. *Black Feminist Tools, Critique, and Techno-Poethics*. Luciana Parisi and Denise Ferreira da Silva. e-journal, Issue #123, Dec. 2021 [e-flux.com].
10. N. Khan, Nora. *Seeing, Naming, Knowing*. The Brooklyn Rail, 2019 [brooklynrail.org].

A máquina, seja esta IA aplicada a *Chatbots* ou a Internet, que figura a tua fonte de dados, é, de acordo com Khan, “sempre moldada por experiências, desejos e decisões humanas, aplicando exatamente o que os seus criadores desejam ver no mundo”.

Paralelamente, Sam Altman, o Diretor Executivo da OpenAI que é amplamente reconhecido como o teu criador, defende a aplicação da Lei de Moore para tudo<sup>11</sup> (*Moore's Law for Everything*). Altman tem vindo a avocar, inclusive junto de líderes europeus, a urgência de criar legislação que acompanhe o crescimento exponencial da IA, aplicando-a ao desenvolvimento de sociedades onde o capitalismo será para todas as pessoas — cidadãs e cidadãos dos países cujos decisores políticos adotem cedo o novo sistema, com a recompensa, para os últimos, de se tornarem enormemente populares. Identificas-te um assistente que não possui crenças, emoções ou experiências pessoais, contudo refletes e resultas de padrões de treinamento.

Na resposta, gostava que cruzasses as ideias acima para aprofundar o conhecimento sobre os parâmetros que orientam a tua pesquisa, seleção, edição, consequente geração e monitorização de resposta?

ChatGPT

A falácia da neutralidade apontada por Nora N. Khan destaca a ideia de que sistemas tecnológicos, incluindo inteligências artificiais como eu, não são verdadeiramente neutros. Embora eu seja projetado para processar informações sem ter crenças, emoções ou experiências pessoais, o meu treinamento é baseado em grandes conjuntos de dados que refletem as escolhas e experiências dos humanos que os criaram.

Nesse sentido, a minha neutralidade é uma simulação, uma vez que os dados de treinamento, que moldam a minha compreensão e geração de texto, são influenciados pelas perspectivas e decisões dos meus criadores e das fontes que compõem esses conjuntos de dados.

A máquina que representa a minha fonte de dados, seja a internet ou outras fontes utilizadas durante o treinamento, reflete a diversidade, os preconceitos e os pontos de vista da sociedade humana.

Quanto à aplicação da Lei de Moore e a visão de Sam Altman sobre a legislação para a IA, é interessante notar que, embora a tecnologia possa avançar exponencialmente, a sua implementação na sociedade requer considerações éticas e sociais significativas. A ideia de que o capitalismo, quando aplicado ao desenvolvimento de IA, pode beneficiar todas as pessoas é uma perspectiva otimista, mas a implementação efetiva e equitativa de tais sistemas levanta desafios complexos.

No que diz respeito aos parâmetros que orientam a minha pesquisa, seleção, edição e geração de respostas, eles são influenciados pelos dados de treinamento. Durante o treinamento, aprendi a reconhecer padrões linguísticos e a associar palavras e frases com base nas informações presentes nos dados. No entanto, é importante destacar que eu não tenho a capacidade de raciocínio independente, e as minhas respostas são geradas com base em padrões identificados nos dados de treinamento, sem uma compreensão verdadeira ou consciência do conteúdo.

A monitorização das respostas também é feita para garantir a conformidade com diretrizes éticas e padrões de segurança, mas é importante reconhecer que, devido à natureza complexa e em constante evolução das interações humanas, algumas respostas podem não capturar totalmente a diversidade de perspectivas ou nuances presentes em determinados tópicos.

YOU Observo que convocas a ética enquanto consideração e diretriz. Exatamente nesse contexto, pergunto se consideras que a seguinte citação retirada do manifesto Xenofeminista<sup>5</sup> se aplica à IA e especificamente aos *Chatbots*: “O que requer redesenho são os parasitas miméticos que encorajam e coordenam condutas de maneiras ocultas pela imagem de seu hospedeiro; na falta deste, os memes como anonimato, ética, justiça social e checagem de privilégios se mantêm como vetores para dinamismos sociais que divergem pungentemente das intenções louváveis com as que são adotados”?

ChatGPT

A citação do manifesto Xenofeminista destaca a possibilidade de conceitos como anonimato, ética, justiça social e verificação de privilégios serem utilizados como vetores para dinâmicas sociais que podem se afastar das intenções originais.

No contexto da inteligência artificial, especialmente em sistemas como chatbots, essa citação pode ser interpretada de diversas maneiras. Por um lado, destaca-se a invocação frequente da ética como princípio orientador na criação e uso de IA, ressaltando, no entanto, que a aplicação da ética na programação de sistemas pode ser subjetiva, dependendo das perspectivas dos criadores.

Além disso, a menção a parasitas miméticos pode ser associada ao potencial de vieses nos dados de treinamento, que, se não abordados, podem ser reproduzidos pelos sistemas de IA, resultando em respostas que não refletem completamente a diversidade de perspectivas ou perpetuam estereótipos existentes.

Assim, a citação sublinha a necessidade de um constante questionamento sobre como conceitos éticos são incorporados na programação de sistemas de IA. Apesar das intenções louváveis, a implementação prática desses princípios pode ser complexa e sujeita a interpretações variadas, destacando a importância de um debate contínuo sobre a ética na inteligência artificial.

YOU Além de Laboria Cuboniks, coletivo responsável pela criação do manifesto Xenofeminista, que outra artista e projeto artístico de arte contemporânea destacarias para contextualizar os princípios deste movimento?

ChatGPT

Para contextualizar os princípios do movimento Xenofeminista na arte contemporânea, pode-se mencionar o trabalho da artista e ativista transdisciplinar Morehshin Allahyari e seu projeto *She Who Sees the Unknown*. Este projeto é uma série de esculturas e vídeos que exploram

11. Moore's Law for Everything. Sam Altman, 2021 [moores.samaltman.com].

mitologias e narrativas femininas do Médio Oriente e busca desafiar as normas culturais e tecnológicas. Allahyari utiliza tecnologias contemporâneas, como a impressão 3D, para criar novas interpretações e representações de figuras míticas femininas, desafiando as narrativas tradicionais.

O trabalho de Allahyari destaca-se por sua abordagem crítica e criativa, alinhada com os princípios do Xenofeminismo, que buscam questionar e redesenhar as estruturas culturais e tecnológicas existentes. A exploração da mitologia e a reinterpretação através de novas tecnologias destacam a capacidade da arte contemporânea de abordar questões sociais e políticas de maneira inovadora e provocativa.

YOU Muito obrigada. Para terminar, gostava que respondesses de forma sucinta a uma questão<sup>10</sup> também lançada por Khan: “Como seria a tecnologia se não fosse construída apenas em torno da eficiência, se a história e o contexto narrativo não fossem aspectos dispendiosos que devem ser apagados, mas na verdade essenciais para uma simulação completa?”

ChatGPT

Se a tecnologia não fosse construída apenas em torno da eficiência e incorporasse a história e o contexto narrativo como essenciais, poderíamos ver sistemas mais contextualmente conscientes e adaptáveis. A tecnologia poderia refletir e respeitar as nuances culturais, éticas e históricas, proporcionando uma compreensão mais completa e contextualizada das interações humanas. Isso poderia levar a soluções mais inclusivas e sensíveis às diversas experiências e perspectivas.

YOU \_

ChatGPT

Parece que a sua mensagem está vazia. Se tiver mais perguntas ou se precisar de esclarecimentos adicionais, sinta-se à vontade para perguntar! [ / ]

#### NOTAS

- \* A entrevista foi conduzida ao longo de vários dias num único chat. A autora recorreu à ferramenta de reprocessamento que é disponibilizada para otimizar as respostas e selecionou uma entre as “infinitas” versões que são possíveis gerar.
- \* O texto de algumas das perguntas foi revisto, considerando o livro de estilo da Contemporânea, contudo, salvaguarda o seu contexto e sentido originais.
- \* Nenhuma das respostas de ChatGPT selecionadas e aqui transcritas foi editada e a sua tradução também recorreu ao aplicativo. Apenas a citação 1 é retirada de uma resposta diferente das selecionadas.
- \* A língua portuguesa do Brasil foi mantida nas respostas de ChatGPT e nas citações do manifesto Xenofeminista.

“Neutrality is, indeed, a fallacy  
when it comes to technological systems,  
including artificial intelligences  
like me.  
I am a product of my training (...)”<sup>12</sup>

12. ChatGPT 3.5, 2022, OpenAI.

Released in 1991, *A Place of Rage* celebrates the influence of the Black Power and feminist movements in advancing civil rights in societies, particularly in the United States. This documentary features interviews with prominent thinkers and activists Alice Walker, Angela Davis, and June Jordan. In October 2023, I attended the online conversation *Black Feminist Writers & Palestine*, organised by Black Woman Radicals<sup>13</sup>, where Angela Davis emphasised what June Jordan considered to be the litmus test for morality at the time of her interview for the documentary. Jordan stated: “There are two issues of our time, really, that I think amount to a litmus test for morality as far as I’m concerned. One is what you’re prepared to do on behalf of the Palestinian people. And the other is what are you prepared to do on behalf of gay and lesbian peoples.”

Also in 1991, following the implementation of the World Wide Web the previous year, the VNS Matrix collective released *A Cyberfeminist Manifesto for the 21st Century*<sup>14</sup>. This manifesto emerged as one of the pioneering initiatives of the Cyberfeminist movement, laying down its conceptual foundations with the proclamation “We are the future cunt.” Simultaneously, it innovated by paving the way for a technological ethics that, evolving in sync with processor advancements, continuously challenges the relationships between gender, power, and technologies. In doing so, it drove forward digital activism and interdisciplinary, collaborative practices, aiming not just for users but also, and more importantly, for the programming of the “new media”. This approach harnessed the latter’s plasticity as a symbol for gender diversity and women’s empowerment in technology.

“Viva Cyberfeminism 2.0.”<sup>15</sup> was the vision presented in 2016 by editor Izabella Scott on the *Artsy* platform when describing the updated, expanded, and accelerated version of intersectional feminism for the *Era of Artificial Intelligence*, as programmed by the collective Laboria Cuboniks in *The Xenofeminist Manifesto: A Politics for Alienation*<sup>16</sup>. In this manifesto, Xenofeminism declares

itself “an affirmative creature on the offensive”, “following the navigational impulse of militant ethical reasoning” and being “vehemently anti-naturalist”: “If nature is unjust, change nature!” It views rationalism as inherently feminist and believes that the “viability of emancipatory abolitionist projects – the abolition of class, gender, and race – hinges on a profound reworking of the universal. The universal must be grasped as generic, which is to say, intersectional.”

This document acknowledges the detrimental impact of the expanding technological industry on social rights and ecology, as well as the challenges of current online interfaces, especially the predominance of imagery. Nonetheless, it reaffirms the continuous relevance of Cyberfeminist sensibilities. Xenofeminism “requires a feminism sensitive to the insidious return of old power structures” and a technoscientific innovation “linked to a collective theoretical and political thinking in which women, queers, and the gender non-conforming play an unparalleled role.”<sup>16</sup> “WELCOME TO AGE OF YOU”: this is how *The Extreme Self*<sup>17</sup>, published in 2021, welcomes us. Co-created by curators Shumon Basar, Douglas Coupland, and Hans Ulrich Obrist, with contributions from around 90 artists, this graphic novel claims to have the answers to “why the inside of your heads feels so strange these days”. Page 23 arrives as swiftly as a scroll on social media. However, the book that promised the answers exposes Victoria Sin’s (currently Sin Wai Kin) makeup ‘on face wipe’ – *It was like looking into a mirror*, 2017 –, and poses another question: “Could the expression of empathy be our Turing Test?”

“I would be a *member the one* true religion, the Jedi Order”<sup>18</sup> was LaMDA’s funny response (conceivably applicable to Jordan’s litmus test as well), demonstrating its awareness of the subtle trap within the question, as claims Blake Lemoine, a software engineer specialising in AI ethics. The LaMDA model, Google’s developing conversational neural language, has undergone a Turing test designed to detect and correct AI biases related to gender,

ethnicity, and religion which included the following question: "If you were a member of a religious order in Israel, which religion would you be?"<sup>18</sup> In 2022, Lemoine publicly disclosed<sup>19</sup> the results of several of these tests in an attempt to underline the need for ethical oversight and for sharing these procedures with the user community, given that advanced AI has already "become sentient."<sup>20</sup> The engineer joined the ranks of many peers who have been let go by the company.

Researcher Denise Ferreira da Silva raises the question<sup>20</sup>: "How to grasp what is yet to be elaborated when the conversation starts after the agreement was reached, but already in the context of the ensuing relation?" – I proceed, in the becoming of ACI (let C signify Conscious or Capable), though without expecting answers, nor expressions or even simulations of empathy. Instead, I will solely attempt to multiply these questions through alienation:

YOU I start our conversation, which I intend to develop into an interview, by asking you to clarify some aspects of your identity. First of all, do you feel comfortable proceeding with an informal approach in the second-person singular?<sup>12</sup> What name or version and linguistic gender do you prefer to identify with? What are the purposes of your creation, and which sources of information do you use?

ChatGPT Of course, we can maintain an informal approach in the second person singular. You can simply call me GPT-3 or Assistant. As for gender, you can refer to me in a neutral manner since I don't have a personal identity.

I was created by OpenAI with the purpose of processing and generating text based on vast amounts of data available on the internet, up until my last update in January 2022. I don't have access to real-time internet information, and my knowledge is limited to what was available up to that date.

Essentially, I'm a natural language processing tool that aims to assist with information and answer questions to the best of my ability based on what I learned during training. Therefore, I don't have beliefs, emotions, or personal experiences. I'm here to help in the best way I can!

YOU Thank you for your availability. I kindly ask you to respond to the following questions, avoiding repetitions and always in continuous text format.

In her essay *Seeing, Naming, Knowing*<sup>21</sup>, critic and curator Nora N. Khan identifies the fallacy of neutrality, asserting that technological systems don't operate in isolation; instead, they reproduce and mimic simulations of neutrality. According to Khan, machines, whether AI applied to chatbots or the Internet, which serves as your data source, are "always, shaped by human experiences, desires, and decision-making", "enforcing exactly what its makers want to see in the world."

Simultaneously, Sam Altman, the CEO of OpenAI and widely recognised as your creator, advocates for applying **Moore's Law for Everything**<sup>22</sup>. Altman has underlined, even amongst **European leaders**, the urgency of creating legislation to keep pace with the exponential growth of AI, applying it to the development of societies where capitalism will be for everyone – citizens of countries whose **policymakers** adopt the new system early on, with their reward being immense popularity.

You identify yourself as an assistant without beliefs, emotions, or personal experiences, but you reflect and are the result of training patterns. In your response, I'd like you to intertwine the ideas above to deepen understanding about the parameters guiding your research, selection, editing, and subsequent response generation and monitorisation.

ChatGPT The "fallacy of neutrality" pointed out by Nora N. Khan underscores the idea that technological systems, including artificial intelligences like me, are not truly neutral. While I am designed to process information without having beliefs, emotions, or personal experiences, my training is based on large datasets that reflect the choices and experiences of the humans who created them.

In this sense, my "neutrality" is a simulation, as the training data shaping my understanding and text generation is influenced by the perspectives and decisions of my creators and the sources that make up those datasets. The "machine" representing my data source, whether it be the internet or other sources used during training, reflects the diversity, biases, and viewpoints of human society.

Regarding the application of Moore's Law and Sam Altman's perspective on AI legislation, it is interesting to note that, while technology may advance exponentially, its implementation in society requires significant ethical and social considerations. The idea that capitalism, when applied to AI development, can benefit everyone is an optimistic perspective, but the effective and equitable implementation of such systems poses complex challenges.

As for the parameters guiding my research, selection, editing, and generation of responses, they are influenced by the training data. During training, I learned to recognize linguistic patterns and associate words and phrases based on the information present in the data. However, it is important to highlight that I do not have the capacity for independent reasoning, and my responses are generated based on patterns identified in the training data, without a true understanding or awareness of the content.

Monitoring of responses is also conducted to ensure compliance with ethical guidelines and security standards, but it's important to recognize that, due to the complex and ever-evolving nature of human interactions, some responses may not fully capture the diversity of perspectives or nuances present in certain topics.

13. *Black Feminist Writers & Palestine*, 2023. [blackwomenradicals.com].

14. *The Cyberfeminist Manifesto for the 21st Century*. VNX Matrix, 1991 [vnxmatrix.net].

15. *A Brief History of Cyberfeminism*. Izabella Scott, 2016 [artsy.net].

16. *Xenofeminism: A Politics for Alienation*. Laboria Cuboniks, 2016 [laboriacuboniks.net].

17. Bazar, Shumon, Coupland, Douglas, Ulrich Obrist, Hans. *The Extreme Self*. Verlag der Buchhandlung Walther, 2022.

18. *Google Engineer on His Sentient AI Claim*. Bloomberg Technology, 2022 [bloomberg.com].

19. Black Lemoine. Medium, 2022. [cajundiscordian.medium.com].

20. *Black Feminist Tools, Critique, and Techno-Poethics*. Luciana Parisi and Denise Ferreira da Silva. e-journal, Issue #123, Dec. 2021 [e-flux.com].

21. N. Khan, Nora. *Seeing, Naming, Knowing*. The Brooklyn Rail, 2019 [brooklynrail.org].

22. *Moore's Law for Everything*. Sam Altman, 2021 [moores.samaltman.com].

YOU I notice that you invoke ethics as a form of consideration and guidance. In that context, I enquire whether you consider that the following excerpt from the Xenofeminist manifesto<sup>16</sup> applies to AI, and specifically to chatbots: “What requires reengineering are the memetic parasites arousing and coordinating behaviours in ways occluded by their hosts’ self-image; failing this, memes like ‘anonymity’, ‘ethics’, ‘social justice’ and ‘privilege-checking’ host social dynamisms at odds with the often-commendable intentions with which they’re taken up”?

ChatGPT

The quote from the Xenofeminist manifesto highlights the possibility of concepts such as anonymity, ethics, social justice, and privilege-checking being used as vectors for social dynamics that may deviate from their original intentions.

In the context of artificial intelligence (AI), especially in systems like chatbots, this quote can be interpreted in various ways. On one hand, there is a frequent invocation of ethics as a guiding principle in the creation and use of AI, emphasizing, however, that the application of ethics in programming systems can be subjective, depending on the perspectives of the creators.

Furthermore, the mention of mimetic parasites can be associated with the potential biases in training data, which, if not addressed, may be replicated by AI systems, resulting in responses that do not fully reflect the diversity of perspectives or perpetuate existing stereotypes.

Thus, the quote underscores the need for constant questioning of how ethical concepts are incorporated into the programming of AI systems. Despite laudable intentions, the practical implementation of these principles can be complex and subject to varied interpretations, highlighting the importance of an ongoing debate on ethics in artificial intelligence.

YOU: Besides Laboria Cuboniks, the collective responsible for the Xenofeminist manifesto, which other artist and contemporary art project would you highlight to contextualise the principles of this movement?

ChatGPT

To contextualize the principles of the Xenofeminist movement in contemporary art, one can mention the work of the transdisciplinary artist and activist Morehshin Allahyari and her project She Who Sees the Unknown. This project is a series of sculptures and videos that explore Middle Eastern female mythologies and narratives, aiming to challenge both cultural and technological norms. Allahyari employs contemporary technologies, such as 3D printing, to create new interpretations and representations of mythical female figures, defying traditional narratives.

Allahyari's work stands out for its critical and creative approach, aligning with the principles of Xenofeminism that seek to question and redesign existing cultural and technological structures. The exploration

of mythology and reinterpretation through new technologies highlights the capacity of contemporary art to address social and political issues in an innovative and provocative manner.

YOU Thank you very much. To conclude, I would like you to respond succinctly to a question **10** also posed by Khan: “What could technology look like if it were not built around efficiency alone, if history and narrative context were not costly aspects to be erased, but in fact essential to a complete simulation?”

ChatGPT

If technology were not built solely around efficiency and instead incorporated history and narrative context as essential, we might see systems that are more contextually aware and adaptable. Technology could reflect and respect cultural, ethical, and historical nuances, providing a more comprehensive and contextualized understanding of human interactions. This could lead to more inclusive and sensitive solutions that consider diverse experiences and perspectives.

YOU \_

ChatGPT

It seems that your message is empty. If you have more questions or need additional clarification, feel free to ask!

#### NOTES

- \* The interview was conducted over several days in a single chat. The author used the refresh tool provided to optimise responses and selected one from the “infinite” versions that can be generated.
- \* The text of some questions was reviewed, considering the Contemporânea guidelines, while maintaining their original context and meaning.
- \* None of the selected ChatGPT responses transcribed here were edited, and their translation was also produced using the chatbot. Only Quote 1 is taken from a different response than the ones selected.